

| | CONTINENTE | AÇORES | MADEIRA |
|------------|------------|--------|---------|
| ocorrência | MigRep | - | - |
| categoria | DD | - | - |

Taxonomia

Aves, Strigiformes, Strigidae.

Tipo de ocorrência

Estival nidificante.

Classificação

INFORMAÇÃO INSUFICIENTE – DD

Fundamentação: Não existe informação adequada para avaliar o risco de extinção. Com efeito, não são conhecidos parâmetros básicos referentes a esta população, como tamanho e tendências.

Distribuição

A sua distribuição enquanto nidificante estende-se de modo contínuo por grande parte do Palearctico, desde a Península Ibérica e Marrocos até ao Irão, norte do Paquistão e Índia e Noroeste da China, por sul, e Ásia Central até ao Lago Baical, por norte (Hagemajjer & Blair 1997, Cramp 1998). Latitudinalmente, vai da França, Suíça, Áustria, Hungria, República Checa, Ucrânia e metade sul da Rússia europeia, até ao noroeste africano, todas as ilhas do Mediterrâneo, Próximo Oriente, e sul do Paquistão e noroeste da Índia (Hagemajjer & Blair 1997, Cramp 1998). Não está presente na Grã-Bretanha, em muitos países centro europeus e na metade norte da região boreal da Eurásia (Sibley & Monroe 1990, Cramp 1998). As populações mais meridionais da sua área de distribuição são completamente migradoras, invernando desde o Mediterrâneo até ao Equador (Hagemajjer & Blair 1997). As do sul são parcialmente migradoras ou mesmo residentes, embora neste caso os efectivos sejam notoriamente mais reduzidos no Inverno, como na Península Ibérica (Cramp 1998), conhecendo-se populações invernantes em Espanha, Sul de Itália e Grécia e nas ilhas mediterrânicas das Baleares, Córsega e Sicília (Fajardo & Babiloni 1996, Hagemajjer & Blair 1997). Em Portugal, a espécie surge praticamente em todo o território nacional, tendo uma distribuição mais contínua nas Beiras interiores, Trás-os-Montes e Minho (Rufino 1989, ICN dados não publicados).

População

Em Portugal não se conhecem registos efectuados em pleno Inverno, ao contrário do que acontece em Espanha (Fajardo & Babiloni 1996, Cramp 1998, Alonso *et al.* 2003). A espécie é claramente mais abundante na metade norte do país, apesar de também

Otus scops (Linnaeus, 1758)



Mocho-d'orelhas



nidificar no Sul, sendo comum e por vezes mesmo abundante nas regiões da Beira interior e em Trás-os-Montes (Rufino *et al.* 1985, Rufino 1989). Embora Rufino (1989) tenha admitido a possibilidade de existir uma população superior a 1.000 indivíduos, nunca se levou a efeito qualquer censo ou contagens que permitissem aferir tal estimativa, desconhecendo-se a sua dimensão e tendência actuais.

Em termos de estatuto de ameaça a nível da Europa, a espécie é considerada *Depauperada* embora ainda provisoriamente, tendo sofrido um declínio histórico moderado (BirdLife International 2004). Em Espanha, está classificada como *Pouco Preocupante (LC)* (Madroño *et al.* 2004), não se conhecendo bem a sua tendência populacional (Alonso *et al.* 2003).

Habitat

O habitat de *Otus scops* em Portugal é variado e é constituído por bosques e bosquetes pouco densos, desde manchas de carvalho-negral *Quercus pyrenaica*, a souts (*Castanea sativa*) e matas ripícolas, em regra na proximidade de áreas abertas, e ainda parques e jardins urbanos ou quintas (Rufino 1989, Pimenta & Santarém 1996, Silva 1998). No nordeste algarvio é observado em plantações horto-frutícolas, montados de sobre e azinho pouco densos e vegetação ripícola desenvolvida (Lourenço *et al.* 2001).



Otus scops (Linnaeus, 1758)

Mocho-d'orelhas

Factores de Ameaça

As ameaças a esta espécie no nosso país não são bem conhecidas. A alteração ou degradação do habitat e a utilização dos pesticidas com a concomitante redução de presas e bio-acumulação de substâncias tóxicas na espécie, visto se tratar de uma rapina com uma alimentação essencialmente insectívora ou invertebrada (Cramp 1998), são normalmente apontados como as ameaças mais importantes (Hagemajjer & Blair 1997, Cramp 1998).

O abate a tiro, a perda de árvores adequadas à nidificação, o roubo de ninhos e a colisão com automóveis são factores igualmente indicados (Pimenta & Santarém 1996, Silva 1998), frisando Pimenta & Santarém (1996) a elevada mortalidade que se verifica nas estradas do país.

Para Espanha, as alterações de habitat provocadas pela urbanização e os atropelamentos são realçados como ameaças relevantes, para além dos pesticidas e a destruição de habitat devido à instalação de regadios, a arborizações florestais e ao corte de bosquetes ribeirinhos (Fajardo & Babiloni 1996, Alonso *et al.* 2003).

Medidas de Conservação

A conservação desta espécie pode ser assegurada através das seguintes medidas, que devem ser dirigidas prioritariamente para as regiões da Beira interior e Trás-os-Montes, onde a espécie parece ser mais abundante:

- dinamização de campanhas de sensibilização ambiental e sobre a fauna, mas tendo em vista especialmente a conservação das aves de rapina e outros predadores, dirigidas tanto a caçadores, guardas e gestores de caça, como a exploradores e produtores rurais e ao público em geral, afim de minimizar ou erradicar o abate ilegal e o roubo de ninhos;
- divulgação, dinamização e aumento dos subsídios e apoios à conservação de habitat, através do recurso a medidas agro-ambientais, de modo a serem recuperados e/ou mantidos o arvoredado velho em geral (com cavidades naturais), os bosquetes ripícolas, soutos e carvalhais (*Quercus* spp.), bem como áreas de pomares, agricultura e pastorícia tradicionais;
- sensibilização dos agricultores, em particular para a adopção de boas práticas

- agrícolas (promoção do uso racional dos pesticidas, recorrendo a substâncias com tempo de degradação curta; utilização preferencial da luta integrada);
- reforço da fiscalização e aplicação mais efectiva da lei, relativamente às infracções relativas ao abate ilegal e roubo de ninhos, e aumento das penalizações;

Visto se tratar de uma espécie sobre a qual se sabe muito pouco sobre a sua população e bio-ecologia em geral no nosso país, recomenda-se a realização de censos e monitorizações periódicas, que permitam conhecer melhor o tamanho e tendência da população, e o estudo dos diferentes aspectos da sua biologia e ecologia, nomeadamente utilização de habitat, dieta, sucesso reprodutor, efeitos dos pesticidas e bio-acumulação.